

## **No tempo do rádio: sempre!**

### **Histórias de Vida e Formação, afetividade e extensão universitária no ar.<sup>1</sup>**

Henrique Sérgio Beltrão de CASTRO<sup>2</sup>

Universidade Federal do Ceará e Rádio Universitária FM 107,9

Luiz Botelho ALBUQUERQUE<sup>3</sup>

Universidade Federal do Ceará

#### **Resumo**

Este texto apresenta reflexões fundamentadas em uma pesquisa realizada com a abordagem Histórias de Vida e Formação em que uma narrativa autobiográfica poética revela e analisa experiências afetivas de (trans)formação humana nos campos poético, docente e radiofônico. São discutidos a concepção da afetividade como todos os sentimentos e emoções, sua relevância nos processos formativos e o papel da extensão universitária, a partir do estudo das ações de extensão, formação e pesquisa da Universidade Federal do Ceará, Todos os Sentidos e Sem Fronteiras: Plural pela Paz, programas veiculados pela Rádio Universitária FM de Fortaleza, aquele com o intuito de levar ao ar a voz das pessoas com deficiência e este pautado na reverência à pluralidade da vida e da humanidade.

**Palavras-chave:** rádio; extensão; afetividade; Histórias de Vida.

#### **1 Vinheta de abertura**

Estas linhas brotam do percurso feito no doutorado com a abordagem Histórias de Vida e Formação (LANI-BAYLE, 1997, 2006, 2008; JOSSO, 2004) que gerou uma narrativa autobiográfica poética (CASTRO, 2011) sobre experiências afetivas (trans)formadoras nos campos poético, docente e radiofônico, em que atuo como formador de outros professores e comunicadores.

Apresento inicialmente a abordagem adotada, em seguida trechos da trajetória autobiográfica com reflexões sobre linguagem. Depois, enfoco os programas Todos os Sentidos e Sem Fronteiras: Plural pela Paz, da Rádio Universitária FM<sup>4</sup>. Abordo então a relevância da afetividade na formação humana. Enfim, discuto o papel da extensão universitária.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em 2012 em Fortaleza.

<sup>2</sup> Professor adjunto da Universidade Federal do Ceará - UFC; produtor e apresentador dos programas Todos os Sentidos e Sem Fronteiras: Plural pela Paz, da Rádio Universitária FM de Fortaleza; radialista; poeta. Email: [beltraohenrique@yahoo.com.br](mailto:beltraohenrique@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Professor adjunto da Universidade Federal do Ceará – UFC; músico. Orientador durante o doutorado. Email: [luizbotelho@uol.com.br](mailto:luizbotelho@uol.com.br)

<sup>4</sup> [www.radiouniversitariafm.com.br](http://www.radiouniversitariafm.com.br) – emissora pública vinculada à UFC e à Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura.

## 2 Histórias de Vida e Formação: a abordagem duma narrativa autobiográfica poética

Ir ao encontro de si visa a descoberta e a compreensão de que viagem e viajante são apenas um. (Josso, 2004, p.58)

A abordagem Histórias de Vida e Formação (HIVIF) abre campo de vastidão em pesquisa e (auto)formação. Não do passado, mas do encontro entre o outrora, o agora e o porvir se tecem os relatos de si neste âmbito de estudos. Aprendizagens anteriores me fizeram procurar transcender os lineares caminhos e encontrar a abordagem que desde então adoto e com a qual proponho uma narrativa autobiográfica poética<sup>5</sup>, o que faço assumindo conscientemente o risco de procurar contribuir com uma prosa poética e com versos para “a dimensão ‘estética’ da formação-pesquisa-intervenção em história de vida”, citada na Carta ética da Associação Internacional de Histórias de Vida em Formação e Pesquisa Biográfica em Educação (Carta da ASIHVIF, 2002, item 5, tradução minha)<sup>6</sup>.

A Carta da ASIHVIF enuncia princípios que orientam os pesquisadores, sem ser um instrumento de normalização das práticas adotadas por eles: “Trata-se de uma abordagem que coloca no centro o sujeito narrador, na qualidade daquele que define seu objeto de busca e desenvolve um projeto de compreensão de si por si e pela mediação de outro” (Carta da ASIHVIF, 2002, item 2.1). A emancipação pessoal e social do sujeito é visada. De acordo com o documento, “emancipação” é compreendida como a ação que tende a substituir uma relação de submissão com os outros por uma relação de igualdade.

A partir de seu percurso de vida, o sujeito dispõe dos meios para uma tomada de consciência crítica e reflexiva, com vistas a se colocar como ator – eu diria “autor” – social em um projeto de ação mais lúcido e pertinente (Carta da ASIHVIF, 2002, item 2.2). A ASIHVIF recusa a cisão entre teoria e prática. Ela aponta uma relação dialética em que as teorias interrogam as práticas e vice-versa. Ela espera que dessa postura nasça uma renovação simultânea no campo de pesquisa, formação e intervenção e no campo da teorização, especialmente na formação de adultos (Carta da ASIHVIF, 2002, item 2.5).

A relação entre o que pensamos e sentimos é essencial em um estudo (auto)biográfico. Martine Lani-Bayle, cientista e escritora, autora de diversas obras sobre HIVIF, publicou também romances. Talvez por ser também ficcionista, sua escrita seja tão

---

<sup>5</sup> A narrativa autobiográfica poética capta fragmentos da vida deste autor em uma prosa poética sobre as experiências afetivas (trans)formadoras, revelando a leitura por mim feita do outro, de mim e do mundo, em uma dimensão racional-afetiva, em que construo a (trans)formação de mim na interação com o outro contextualizada no mundo (CASTRO, 2011, p.10).

<sup>6</sup> Disponível em <http://www.asihvif.com/Charte.pdf>

fluida e seu convite à busca tão amplo. Ela sugere que se componham os textos acadêmicos com afetividade e cognição em harmonia: “Nenhum texto se presta a ser lido se ele é percebido como desafetado, isto é, não investido por seu autor. Em toda forma de escrita, *a afetividade é absolutamente tão necessária e atuante quanto as funções intelectuais* (que aliás não se manifestam isoladamente) e isso tanto para aquele que escreve quanto para aquele que lê” (LANI-BAYLE, 2006, p.48-49, grifo da autora, tradução minha). Diria o poeta Fernando Pessoa (1977, p.144): “o que em mim sente ’stá pensando”.

O ato de escrever (narrativas autobiográficas) é revelador e criador, ou seja, nos mostra parte do que podemos alcançar no conhecimento de si e das experiências de formação, ao mesmo tempo nos forma e transforma à medida em que nos conduz à criação de um novo caminho a partir desse autoconhecimento: “a escrita é formadora” (LANI-BAYLE, 2006, p.27). A fala também é reveladora e, a meu ver, formadora. Segundo Tardieu (1969, p.129), “aquele que fala [no rádio] revela – intencionalmente ou não – seu esforço, todo o seu trabalho e, por isso mesmo, uma parte não negligenciável de sua personalidade”. Diz Lani-Bayle (1997, p.66, tradução minha): “Quando falo e quando escrevo (querendo-o ou não, sentindo-o ou não), quando eu me transmuto em autor das frases que articulo, que componho, é a minha história, e através dela, eu que, por meio de trechos que se conjugam, se desenvolve/me desenvolvo e se expõe/me exponho”. A autora destaca a experiência (não-formal e emocional) e a possibilidade gerada por essa abordagem de reinterpretar continuamente o que se faz da própria vida.

O lugar preponderante destinado ao não-formal mostra que são as pessoas que oferecem umas às outras seu próprio ensinamento através da cotidianidade de sua existência. É então a experiência que é a fonte dessas situações de formação e que contribui para mudá-las, e mesmo torná-las melhores. E, nesse contexto, é a experiência emocional que provoca mais mudanças na personalidade, permitindo adotar atitudes cada vez mais independentes (LANI-BAYLE, 2006, p.62, tradução minha).

A autora questiona “o que fazemos do que os outros fazem de nós” (LANI-BAYLE, 2006, p.36 tradução minha). Existem em sua concepção da abordagem três etapas entrelaçadas, mas não cronológicas ou hierarquizadas (LANI-BAYLE, 2006 e 2008): os fatos (eu relato o que aconteceu, o que é captado do mundo); o que isso me causou e/ou me causa (eu explico o que me tocou ou toca, eu busco o que sinto e penso a partir do acontecimento); o que faço com isso (eu reflito, aqui no sentido de me formar e me transformar a partir da reflexão e da ação).

Lani-Bayle destaca a relevância da relação intergeracional e temporal na formação e nas narrativas (auto)biográficas, mas destaca que se trata, não de se deter no que passou, mas de relacionar passado, presente e futuro: “Eu lembro – e nunca o farei o suficiente, rechacem suas estéreis nostalgias – trata-se de *remontar* o passado, certamente, mas como uma *mola*, para melhor se impulsionar para adiante (LANI-BAYLE, 1997, p.16, grifos da autora, tradução minha).

A autora critica o uso nefasto da vida privada na mídia, na política... Relatos pessoais têm sido explorados para iludir pessoas e elevar o nível quantitativo da audiência (em detrimento do qualitativo), como no exemplo de indivíduos que participam de programas de rádio e TV para contar problemas e pedir a intervenção do apresentador ou do público, em alguns casos culminando com conflitos transmitidos ao vivo.

A esse tipo de atitude contrapõe-se a postura adotada no *Sem Fronteiras* e no *Todos os Sentidos*. O relato biográfico sobre a formação dos convidados é por vezes adotado como ponto de partida da entrevista. Para isso, é feita uma discussão prévia com quem participa, esclarecendo que à nossa produção não interessa bisbilhotar detalhes para provocar a audiência, mas destacar processos formativos e o papel que neles assume a afetividade.

De acordo com Josso (2004, p.80), é preciso estar “conscientemente atento” ao seu próprio processo. A meu ver, olhar-se e olhar o outro, escutar-se e escutar o outro, considerar as emoções e os sentimentos vividos durante a formação (como comunicador, professor ou escritor, por exemplo) conduzem a uma consciência mais clara sobre seu percurso: “*transformar a vida socioculturalmente programada numa obra inédita a construir*, guiada por um aumento de lucidez, tal é o objetivo central que oferece a transformação da abordagem Histórias de Vida” (JOSSO, 2004, p.58-59, grifo da autora).

### **3 De um radinho vermelho à “sintonia da terra”<sup>7</sup>**

Seu dotô, me dê licença / Pra minha história contar...  
(Patativa do Assaré)

Desde menino, um radinho toca dentro de mim. Graças a meus pais que, sempre sensíveis e musicais, me presentearam com um marcante radinho vermelho. Graças também à dona Lúcia, lavadeira, e a “seu” Chico, vigia, que viviam sintonizados e me chamaram a atenção para outros ritmos e emissoras, mas também para outras variantes linguísticas.

---

<sup>7</sup> Lema da Rádio Universitária FM.

Com eles e outros amigos, comecei a descobrir a graça e a criatividade de outra faceta da língua portuguesa: a variante popular. Notava desde então a eloquência deles, o quanto se expressavam bem, defendendo ideias, contando histórias. E como era diferente do modo como falavam meus pais, sempre zelosos pelo uso da norma culta. Algo me dizia que não eram erradas as variações fonéticas e sintáticas, o vocabulário que me surpreendia, vindos de outras fontes, nada livrescas. Mais tarde confirmaria minha intuição estudando isso no curso de Letras, onde descobriria Perini (2007) e Bagno (1999). Perini (2007) me ensinou com um belo exemplo algo essencial: é tão errado usar as variantes coloquiais em um discurso acadêmico quanto usar a norma culta na hora de namorar!

As falhas da gramática tradicional são, em geral, resumidas em três grandes pontos: sua inconsistência teórica e falta de coerência interna; seu caráter predominantemente normativo; e o enfoque centrado em uma variedade da língua, o dialeto padrão (escrito), com exclusão de todas as outras variantes. (...) a gramática deverá, primeiro, colocar em seu devido lugar as afirmações de cunho normativo: não necessariamente suprimindo-as, mas apresentando o dialeto padrão como uma das possíveis variedades da língua, adequada em certas circunstâncias e inadequada em outras (é tão “incorreto” escrever um tratado de Filosofia no dialeto coloquial quanto namorar utilizando o dialeto padrão). Depois, a gramática deverá descrever pelo menos as principais variantes (regionais, sociais e situacionais) do português brasileiro, abandonando a ficção, cara a alguns, de que o português do Brasil é uma entidade simples e homogênea. Finalmente, e acima de tudo, a gramática deverá ser sistemática, teoricamente consistente e livre de contradições (PERINI, 2007, p.6).

Bagno (1999) também desmente a suposta uniformidade do português brasileiro, belo justamente pela diversidade sua. Critica outros mitos, como o de que dominar o dialeto padrão garantiria ascensão social, o que refuta com um argumento simples – se assim fosse, estariam no topo da tal pirâmide social, os professores de português. Bagno (1999) denuncia os mecanismos de uma das mais poderosas e dissimuladas entre as discriminações: o preconceito linguístico. Pela sua perversa força, calam-se pessoas do povo, as que ainda acreditam que não sabem falar “direito”, “certo” e que saber se expressar bem é reservado ao “dotô”. É o caso de recordar exemplos que contradizem isso: a poesia popular, os ambulantes do centro da cidade com seus hipnóticos e persuasivos discursos, os hábeis feirantes que animam o ambiente ao ar livre com seus pregões!

Agradeço a cada Chico e a cada Lúcia que me aproximaram do tesouro da oralidade, onde viveria ao aportar minha nau no cais com antena da Universitária FM. No ar, ao vivo, não há edição: a voz diz do que se é, em plena autenticidade. É assim no Sem Fronteiras: Plural pela Paz e quando o Todos os Sentidos leva ao ar a voz das pessoas com deficiência.

O rádio ao vivo tem isto de único entre os meios de comunicação: a palavra é de quem a pronuncia e de quem a escuta. Não há mediação entre o que se fala e o que o outro ouve. O que vai chegar ao receptor da mensagem não passa pela interpretação ou pela escolha de um trecho por parte do comunicador responsável pela produção radiofônica. A equipe e eu preparamos minuciosamente cada encontro, claro, mas, uma vez os microfones abertos, a inesperada seara da improvisação se abre; a contribuição de cada ouvinte influi nos rumos do que falamos; o diálogo entre os participantes da emissão faz surgirem novas ideias animadas pelos sentimentos e emoções que com elas pulsam.

Se volto no tempo nas asas da memória, recordo o quanto ouvia os artistas cearenses na Universitária FM: Quinteto Agreste, Têti, Rodger Rogério... Acompanhava o pulsar das ondas hertzianas que tinham o sotaque da minha gente com a alegria de quem se encontra consigo – no outro. O outro... A meu ver, em cada quotidiana experiência formadora, pulsa a sabedoria freireana: “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho. Os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2005, p.78). Desde esse momento em que se iniciava minha formação radiofônica, sem que eu sequer me desse conta disso, esse outro – que eu atentamente escutava – me convidava ao encontro. Hoje, diante dos microfones, o outro continua a ser inspiração e, agora, destinatário de minha voz, em que viajam – em forma de palavras – o que sinto e penso. Pensar no plural e sentir no coletivo são a bússola e a ampulheta que orientam minha práxis na arte radiofônica.

#### **4 No ar, Sem Fronteiras: Plural pela Paz e Todos os Sentidos**

Em junho de 1998, estreava o Sem Fronteiras, desde então veiculado ao vivo às 14 horas de sábado e cadastrado junto à Pró-Reitoria de Extensão da UFC. Programa temático, seu formato já envolvia entrevistas, músicas, poemas, notícias, divulgações culturais, mas atendia à escolha de um idioma a partir do qual alguns países em que o falam eram enfocados, em quadros radiofônicos sobre línguas, literatura, história, música e outros tópicos culturais. Depois passou a se chamar Sem Fronteiras: Plural pela Paz, continuou contemplando idiomas, mas ampliou horizontes, abolindo fronteiras que restringissem os temas abordados e elegendo o bordão: “Trabalhemos juntos com reverência à pluralidade”, o que envolve “a diversidade de línguas, povos, religiões e idades”.

No segundo semestre de 2002, nasceu a ideia de criar um programa de rádio para surdos. Estudando Libras (Língua Brasileira de Sinais), vivenciei mais de perto o desafio

quotidiano da situação social dos surdos. Se o preconceito linguístico é perversamente eficaz e dissimuladamente camuflado, no caso dos surdos, uma barreira enorme e uma distância abissal se interpõem entre eles e a sociedade, em especial no âmbito dos estudos e do trabalho, mas também do lazer e da própria família. Em muitos casos, são considerados intelectualmente incapazes. Em outros, chegam a ser ignorados e isolados, inclusive do convívio com outros surdos, tão necessário por questões linguísticas, afetivas, sociais... E dificilmente a expressão escrita deles em português é aceita pelos demais falantes alfabetizados no mesmo idioma, sobretudo professores de línguas e... empregadores, por peculiaridades que apresentam, como a dificuldade de flexionar os verbos (que em Libras não têm desinências) ou de adotar conjunções (que não existem nesse idioma). Levar ao ar a voz daquelas pessoas seria a meta essencial do novo programa.

Com um intérprete presente no estúdio, o surdo pode expressar para os ouvintes da emissora o que pensa, sente e vive. Inspirado pela amplidão do Sem Fronteiras: Plural pela Paz, a abrangência da emissão foi estendida a todas as pessoas com deficiência (PcD), quer seja uma deficiência física, intelectual ou sensorial. Seriam convidadas e, se quisessem, colaboradoras (ouvintes ou convidados que passam a contribuir com a equipe de produção) do Todos os Sentidos, irradiado ao vivo às quartas-feiras às 14 horas, desde sua estreia em 8 de janeiro de 2003. Seu bordão: “para levar ao ar a voz das pessoas com deficiência”.

Trabalhar com as PcD me leva justamente a me questionar a cada programa e no dia-a-dia. Certezas são postas em xeque, dúvidas dão bons frutos que adubam a mudança. A própria expressão “pessoas com deficiência” é uma opção em sintonia com o que propõe e adota desde os anos 1990 diversos setores e instituições com elas envolvidos, inclusive o Movimento das PcD no Ceará, o Movimento Internacional de PcD (que têm como eloquente lema “Nada sobre nós sem nós”) e a ONU na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das PcD. Em textos jurídicos e mesmo em alguns científicos, adota-se em geral “pessoas portadoras de deficiência”. Elas argumentam que não são “portadoras” da deficiência. “Cego”, “surdo”, “pessoa com deficiência motora”, “pessoa com síndrome de Down” são designações aceitas e desejáveis. Os surdos reivindicam que não se diga “surdo-mudo” ou “mudo”, mas tão somente “surdo”. E outros termos, que carregam uma carga pejorativa, devem evidentemente ser abandonados: “deficiente”, “excepcional”, “inválido”, “aleijado”, “mongoloide”, “retardado”, “ceguinho”, “mudinho”, “surdinho”.

A partir de 2005, outros assuntos relativos à saúde e ao bem-estar passaram a ser enfocados: obesos, idosos... Todos nós estamos sujeitos a desenvolver uma deficiência,

definitiva ou temporária. Além disso, temas como acupuntura, meditação, espiritualidade, literatura, música, desde que relacionados com as PcD, passaram a ser foco do Todos os Sentidos, uma vez que a arte, a ciência, os caminhos de autoconhecimento e dos cuidados consigo a todos interessam e envolvem.

A cada emissão, saio transformado pelo que é vivido: os afetos, o tempo, os encontros, a poesia, as vozes no ar. Do rádio que ouvia antes de ser comunicador ao rádio que faço, muita coisa mudou no mundo e em mim. Se no Todos os Sentidos, as PcD me trazem aprendizagens profundas, no Sem Fronteiras, a pluralidade inspira questionamentos e o leque da radiofonia se espalha, levando-me da arte à ciência, da política à tecnologia, de uma língua a outra, em meio a diversas culturas e idades.

Se em sala de aula e no palco, como educador e artista, o radialista me acompanha, no ar vibra um professor. Nos programas, se o poeta me inspira, se o comunicador me conduz, o formador em formação não me abandona. Tudo está visceralmente relacionado em mim. A Rádio Universitária FM é uma emissora educativa, incrustada na UFC. E ali atuo como formador de professores, os estudantes de Letras, e de outros comunicadores, os estudantes de Comunicação Social. Com essas pessoas, futuros colegas, muito tenho aprendido. Da emoção de ouvir à emoção de fazer. Sempre ao encontro com o outro vinculado. Para mim, nesse contexto, os ouvintes fazem o rádio ter sentidos. Todos.

## **5 Afetividade: as Emoções e os Sentimentos – o coração do percurso de formação**

Por mais que me procure, antes de tudo ser feito, eu era amor.  
Só isso encontro. (Cecília Meireles, 1987, p.223)

Para Damásio (2004) e Sawaia (2000), em Espinosa inspirados, a afetividade humana concerne todos os afetos, ou seja, todos os sentimentos e todas as emoções. Segundo Damásio (2004), não há dicotomia entre razão e afetividade. De acordo com Sawaia (2000, p.2), a afetividade é “a tonalidade, a cor emocional que marca a existência do ser humano e é vivida como emoções e sentimentos”. Para o estudo que deu origem a estas páginas, a afetividade é definida como todos os sentimentos e emoções que constituem um aspecto essencial da natureza humana e que marcam nossa vida.

Destaco que a concepção aqui adotada difere do que o senso comum entende como afetividade, quando associa o termo somente a “ser afetivo/afetivo”, “sentir afeição/afeto”. Esclareço que a amizade ou o amor que se tem por alguém ou o amor que tenho pela poesia,

pela educação e pelo rádio são alguns dos sentimentos contemplados nos estudos que faço, têm neles destaque, embora a eles não se restrinja.

A afetividade não é devidamente considerada na formação humana. Cito o exemplo do contexto de formação de professores de línguas estrangeiras, em que pude verificar que somente o aspecto cognitivo é contemplado: o domínio do idioma, de conceitos pedagógicos e de abordagens didáticas, o que é indiscutivelmente imprescindível, mas não considera o que sentem os estudantes (CASTRO, 2002). O que é feito da vergonha de falar e da alegria de conseguir se expressar? O mesmo penso ocorrer em outros campos da formação humana, inclusive o dos comunicadores. A dimensão cognitiva é priorizada: esta é indispensável, mas não alcança a dimensão subjetiva e afetiva dos estudantes e seus formadores. “Ensinar exige querer bem aos educandos (...) Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos (...) A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade” (FREIRE, 1996, p.141). Freire (idem, ibidem) diz que é preciso abandonar a separação entre a docência e a afetividade.

É preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em amor sem temer ser chamado de piegas, de meloso, de a-científico, senão de anti-científico. É preciso ousar para dizer, cientificamente e não bla-bla-blantemente, que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional (FREIRE, 1997, p.8).

Se a afetividade não é devidamente considerada na formação humana, por outro lado, é preciso cautela e atitude crítica para realizar um estudo sobre o assunto. Sawaia (2000) adverte sobre os riscos de estudar os temas que estão na moda. Ela critica a exploração das emoções e dos sentimentos, ou seja, a utilização distorcida dos afetos e alguns dos estudos a respeito deles: “O que está ocorrendo não é o interesse por uma dimensão humana, até então abafada pelo triunfo da razão iluminista, mas a exploração da emoção e sua subordinação aos interesses, exclusivamente, econômicos. O que não é novidade” (SAWAIA, 2000, p.8). A autora cita, como exemplos desse uso torpe dos afetos, a manipulação da felicidade como compensação e a ênfase no amor como justificativa de qualquer desejo banal. Sawaia aprofunda essa reflexão.

A gestão pós-moderna descobriu a chamada inteligência emocional. Peritos em afetividade criam conhecimentos, receituários e tecnologias de rápida aplicação para manipular e regular sentimentos. Cursos para empresários sensíveis e estressados surgem com velocidade espantosa, ensinando que o chefe

emocionalmente inteligente evita atritos pessoais e passa aos trabalhadores a sensação de que são amados e reconhecidos, ao que se pode completar, embora mal remunerados. Nesses cursos, emoções ditas femininas e, portanto, circunscritas à esfera privada são carreadas para fins capitalistas e transformadas em fórmula de sucesso como as expressões, atualmente, corriqueiras nos setores de recursos humanos “dedicação afetiva”, “trabalho amoroso”, “sensibilidade feminina” (SAWAIA, 2000, p.09).

A partir da contribuição de Sawaia (2000), penso que é necessário os pesquisadores que estudam a afetividade se oporem às formulas feitas, do tipo “o importante é ser feliz”, “tudo por amor”, colocando questões contra-hegemônicas, isto quer dizer que “não podemos nos iludir com a ênfase no sujeito autônomo e feliz” (SAWAIA, 2000, p.10). De fato, as pesquisas sobre afetividade devem se fazer “na contramão da ênfase em seu caráter de negatividade, de anomia inquietante que perturba a razão e, portanto, de variável a ser controlada” (SAWAIA, 2000, p.13). As investigações científicas reafirmam sua importância na vida humana, mas no meu entender devem contradizer essas duas visões: a que sugere que a afetividade conturba a razão, mas também a que a apresenta como uma solução extraordinária para a busca humana, como um paliativo ou uma panaceia em uma sociedade que exclui uns e desumaniza os outros. Não basta estudar emoções e sentimentos, é mister ir além da dicotomia razão/afetividade com uma postura crítica sobre o tema.

## **6 No ar, pela Rádio Universitária FM, a extensão universitária**

Esta discussão [sobre extensão], tomando o homem como seu centro, se prolongará até a realidade, pois que, sem ela, não é possível aquele e, sem ele, a realidade não é possível. (Paulo Freire, 1983, p.9)

Tristan Tzara, poeta e ensaísta, dizia do rádio: – “aqui a palavra se faz dentro da boca” (TARDIEU, 1969, p.129, tradução minha). Por mais detalhado e bem feito que esteja o roteiro, como o plano de aula de um professor experiente, deixa tanta margem para o imprevisto e o inesperado, para o encontro ao vivo que as sementes do que se queria podem dar flores e frutos bem diferentes das raízes de onde vieram – graças aos sentimentos e emoções vivenciados, que precisam ser considerados na formação dos comunicadores.

Jean Tardieu (1969), poeta e estudioso da radiofonia, fez, com a colaboração de outros pesquisadores, *Grandeurs et faiblesses de la radio* (Grandezas e fraquezas do rádio), que tem como subtítulo “ensaio sobre a evolução, o papel criador e o alcance cultural da arte radiofônica na sociedade contemporânea” (TARDIEU, 1969). Destaco que o autor

considera o tema como “arte radiofônica”; para ele, “o rádio é uma arte original posto que ele possui uma linguagem, uma técnica e meios que lhe são próprios” (TARDIEU, 1969, p.8, tradução minha). Para Jean Cocteau, outro poeta que navegou nas ondas hertzianas, o rádio deve elevar-se à altura de encontrar seu estilo em meio ao cinema, ao teatro, ao livro – cabe a quem vive (n)este meio “fazer da Rádio<sup>8</sup> não uma irmã enferma das musas, mas uma musa a mais. Uma musa – e nada mais” (COCTEAU, 2010, p.13, tradução minha).

Tardieu (1969) e Cocteau (2010) colocam, portanto, como arte radiofônica o que fazem, questionam os papéis de quem faz rádio e do rádio em si, destacando-lhes a relevância e suas sutilezas. Cocteau aborda uma emoção essencial no *métier* de quem fala ao mundo de dentro de um estúdio: *le trac* – este termo em francês designa a expectativa angustiada que se sente antes de enfrentar o público, velha conhecida dos comunicadores e dos artistas. É aquele misto de excitação e inquietação, de insegurança e vontade de se lançar que precede a entrada em cena ou no ar. O *trac* faz parte essencial dos afetos que envolvem o contato com o público e serve de exemplo sobre a necessidade de se contemplar a afetividade na formação dos comunicadores. Sem ele, sons e cores perdem nuances. E aquele que não o sente perdeu talvez também o entusiasmo de interagir com muitos ao mesmo tempo.

O *trac*, ou a emoção, (...) provoca, de fato, a centelha que anima o microfone. Sem esse desassossego, o microfone transmitiria geralmente uma expressão muito segura de si mesma e impávida. Não esqueçamos que o maquinismo, grande conquista moderna, é ao mesmo tempo o pior inimigo do homem em sua expressão individual e sensível. Trata-se de paliá-lo (COCTEAU, 2010, p.25, tradução minha).

No ar, vivo a aventura de reverenciar a pluralidade da humanidade e de compartilhar a palavra com as PcD. Sempre digo durante a irradiação que a extensão é o abraço que a universidade dá na sociedade. A arte radiofônica enche de cores e sons e outras sensações exuberantes a paisagem dos afetos que inspira minhas quotidianas experiências de formação no ar. O *trac* e a alegria reagem entre si, a raiva contra quem silencia a maioria e o amor ao que faço dão asas ao que digo e ampliam o que escuto. Esses afetos são compartilhados com a equipe em formação e considerados nesse processo formativo.

Encontro nas palavras de Boaventura de Sousa Santos (2004) o eco de atividades ou propostas às minhas semelhantes e a alusão à diversidade cultural e às pessoas

---

<sup>8</sup> Em francês, “radio”, seja o meio ou a emissora, é sempre feminino. Na tradução, preservei esse gênero (embora aqui refira-se ao meio) em benefício da harmonia na referência às musas.

discriminadas, entre as quais se encontram as PcD. Quando ele discute a Universidade do século XXI, comenta as crises institucional, de legitimidade e de hegemonia que ela atravessa. No trecho sobre a extensão universitária, afirma que ela terá em breve um valor muito especial. Ao passo que o capitalismo quer tornar a Universidade pública uma coisa funcional, rentável, mercantil, a serviço do setor privado ou privatizada ela própria, transformando-a em agência de extensão sob seu controle; segundo Santos,

(...) a reforma da universidade deve conferir uma nova centralidade às actividades de extensão (com implicações no *curriculum* e nas carreiras docentes) e concebê-las de modo alternativo ao capitalismo global, atribuindo às universidades uma participação activa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural (SANTOS, 2004, p. 73).

O autor diz que, além de responder às necessidades de destinatários precisos (movimentos sociais, comunidades regionais, governos locais), a extensão universitária deve atuar tendo a sociedade em geral como destinatária e beneficiada, e cita o exemplo das actividades culturais no campo das Artes e da Literatura.

Para que a extensão cumpra este papel, é preciso evitar que ela seja orientada para actividades rentáveis com o intuito de arrecadar recursos extra-orçamentários (é isto que está a ocorrer no Brasil com muitas das actividades de extensão das fundações das universidades). Nesse caso, estaremos perante uma privatização discreta (ou não tão discreta) da universidade pública. Para evitar isso, as actividades de extensão devem ter como objectivo prioritário, sufragado democraticamente no interior da universidade, *o apoio solidário na resolução dos problemas da exclusão e da discriminação sociais e de tal modo que nele se dê voz aos grupos excluídos e discriminados* (SANTOS, 2004, p.74, grifo meu).

O Sem Fronteiras: Plural pela Paz, ao se pautar na pluralidade, se orienta pela busca de inclusão de todos em um mundo que queremos mais belo, mais justo e mais sensível à beleza. O Todos os Sentidos atua justamente no intuito de levar ao ar a voz de um dos grupos mais discriminados. “Não conhecemos nossa própria voz” – diz Jean Tardieu (1969, p.56, tradução minha): “Ela ressoa em nós, quando falamos, de maneira totalmente diferente de quando a escutamos *do lado de fora*” (idem, *ibidem*).

A voz humana! Quanto poder e, ainda hoje, quanto mistério! Do ponto de vista dos grandes mitos da humanidade, ela é portadora do verbo, manifestação soberana do espírito criador. Do ponto de vista psicológico e sociológico, ela é o instrumento da linguagem, a expressão da personalidade e da comunicação entre os homens. Ela começa pelo grito, que nos religa à animalidade, ela termina pelo poema e pelo canto, que nos elevam acima de nós mesmos (TARDIEU, 1969, p. 54-55, tradução minha)

Cabe destacar que atuamos na perspectiva apontada por Boaventura de Sousa Santos (2004) para a extensão universitária, como um caminho alternativo ao capitalismo global, na defesa da diversidade cultural e humana, buscando nas emissões contrapormo-nos à exclusão social, dando voz aos discriminados (SANTOS, 2004, p.74).

É necessário levar em conta a afetividade de quem se encontra diante do microfone, lugar onde essa voz traduz o que esta pessoa é enquanto ela exerce seu ofício em interação com o outro: “(...) o homem que fala [no rádio] participa da vida dos homens. Sua palavra se inscreve no presente: seu tempo coincide com o tempo mesmo de sua elaboração. Ela não é o resultado acabado de uma práxis, mas práxis ela própria” (TARDIEU, 1969, 129).

Neste trecho sobre o caráter extensionista dos programas radiofônicos em foco, Paulo Freire (1983) traz seu contributo, fazendo uma análise linguística do termo “extensão”. Em sua relação com a forma verbal correspondente, fica claro que quem estende estende algo até alguém, até aquele que recebe o conteúdo pelo outro proposto. Ora, bem sabemos a crítica, essencial no pensamento freireano, feita à mera transmissão de conteúdos, por ele nomeada “educação bancária”. Para esse autor, nas ações extensionistas, nas atividades extramuros em geral (a meu ver inclusive as que envolvem pesquisa e ensino), um sujeito que vive “atrás dos muros” (da Universidade) supõe-se incumbido da missão de levar seus saberes a um outro sujeito, que vive “fora dos muros”.

Parece-nos, entretanto, que a ação extensionista envolve, qualquer que seja o setor em que se realize, a necessidade que sentem aqueles que a fazem, de ir até “a outra parte do mundo”, considerada inferior, para, à sua maneira, “normalizá-la”. Para fazê-la mais ou menos semelhante ao seu mundo (FREIRE, 1983, p.13).

É fundamental este questionamento no contexto do Plural pela Paz e do Todos os Sentidos. A Universitária FM atua “com a intenção de levar a educação não formal e a produção cultural da Universidade à comunidade”<sup>9</sup>. A realização desses programas como ações extensionistas, nessa emissora pública, de caráter também extensionista<sup>10</sup>, ligada à Universidade pública, requer reflexão constante sobre a relação estabelecida no seio da equipe e desta com os convidados, ouvintes e colaboradores.

<sup>9</sup> www.radiouniversitariafm.com.br, acesso em 07/09/2011.

<sup>10</sup> Embora não esteja me referindo a todas as ações da emissora nesta reflexão, friso que a própria Rádio Universitária FM é institucionalmente inserida na UFC como Nuproex - Núcleo de Projetos de Extensão.

A intenção é deliberada e conscientemente abrir-se à escuta do que diz o outro, para assim compartilharmos saberes e sentires. “Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a ‘sede do saber’, até a ‘sede da ignorância’ para ‘salvar’, com este saber, os que habitam nesta” (FREIRE, 1983, p.15).

A própria extensão expressa desde muito sua dificuldade em se definir, tendo sido ou sendo considerada entre os próprios extensionistas como a “prima pobre” em meio ao tripé universitário ensino/pesquisa/extensão. Tem sido feito um esforço no sentido de reequilíbrio dessa configuração, de esclarecimento da identidade e do papel social da extensão, de valorização acadêmica do que fazem os extensionistas, bem como os objetivos que devem orientá-la. Porém, muito resta a questionar e aprimorar para garantir que a extensão universitária atenda sempre aos interesses da sociedade e não do mercado.

### **Vinheta de encerramento**

Estas linhas apontam que a abordagem Histórias de Vida e Formação constitui um caminho enriquecedor para uma renovação simultânea no campo de pesquisa, formação e intervenção em que a emancipação e a afetividade humanas são essenciais; que essa afetividade deve ser contemplada nos processos formativos, no campo da comunicação inclusive, superando a dicotomia razão/afetividade; e que a extensão universitária deve se contrapor à lógica mercadológica, afinando-se com a luta contra a exclusão social e a defesa da diversidade cultural .

### **Referências bibliográficas**

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

CASTRO, Henrique S. B. **No ar, um poeta**: do singular ao plural – experiências afetivas (trans)formadoras em um percurso autobiográfico poético radiofônico. 240 p. Tese. (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

CASTRO, Henrique S. B. **Interação no ensino-aprendizagem de língua estrangeira em Letras**: a (in)definição revelada. 129 p. Dissertação. (Mestrado) Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2002.

COCTEAU, Jean. **Jean Cocteau et la radio**. Paris: Non Lieu/Comité Jean Cocteau, 2010.

DAMÁSIO, Antônio. **Em busca de Espinosa**: prazer e dor na ciência dos sentimentos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

JOSSO, Marie-Chistine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LANI-BAYLE, Martine. **L'histoire de vie généalogique**: d'Édipe à Hermès. Paris: L'Harmattan, 1997.

LANI-BAYLE, Martine. **Taire et transmettre**. Les histoires de vie au risque de l'impensable. Lyon: Chronique Sociale, 2006.

LANI-BAYLE, Martine. Histórias de vida: transmissão geracional e formação. In PASSEGGI, M. C. (org.). **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. Natal: EDUFNR e São Paulo: Paulus, 2008.

MEIRELES, Cecília. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1987.

PERINI, Mário A. **Para uma nova gramática do português**. São Paulo: Editora Ática, 2007.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1980.

SANTOS, Boaventura de S. **A Universidade no século XXI**: Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

SAWAIA, Bader B. **Por que investigo a afetividade**. Texto apresentado para concurso de promoção para professor titular do Departamento de Sociologia da PUCSP. São Paulo: PUC, 2000.

TARDIEU, Jean. **Grandeurs et faiblesses de la radio**. Paris : UNESCO, 1969.